



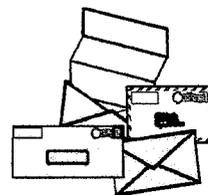
O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



*"FRANCISCO, VAI E RECONSTRÓI
A MINHA CASA"*

Escrevem os Leitores



Querido amigo Messias de Matos que a doce e santa paz proveniente do Mestre Amado Jesus Cristo esteja contigo ao receberes esta.

Ciente da difícil situação financeira que o amado irmão tem encontrado para manter o extraordinário periódico "O Desbravador", estou enviando minha pequena colaboração. Segue o comprovante de depósito.

Por fim deixo aqui meus agradecimentos com muito carinho a este amigo de todas as horas que sempre está me ajudando a ser mais forte espiritualmente, "O Desbravador"!

Se possível publique parte de minha carta em um dos próximos exemplares do Desbravador, ficarei muito feliz, honrado com isto.

Querido irmão e amigo Messias de Matos termino esta com sinceros agradecimentos e votos de muita saúde para você, sua família e todos que são responsáveis pelo Desbravador.

Conte sempre comigo.

RICARDO SOUZA GOMES

Londrina - PR

Bom dia, meu nome é José Fernandes e tenho conhecido um pouco do Trabalho de vocês, através de um engano, pois vocês enviaram uma revista para um endereço do qual a pessoa havia mudado e eu estou estabelecido.

Mas, fiquei impressionado com as mensagens passadas devido minha esposa e eu sermos muito cristãos e acreditamos que sem a fé não existe paz no mundo e pessoalmente estou admirado com o trabalho de vocês.

Gostaria que vocês me enviassem os seus exemplos de vida e que continuassem a expor toda a palavra e ações de Cristo e dos seus mais ilustres seguidores e de Maria nossa Mãe.

JOSÉ FERNANDES

Osasco - SP

Gostaria de receber as publicações de "O Desbravador". Segue abaixo meu endereço.

PAULA CASTRO NOGUEIRA

São Paulo - SP

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo.

Caros irmãos, há tempos tenho contato com suas publicações através dos jornais que minha irmã recebe mensalmente.

Gostaria de receber também o jornal.

Agradeço desde já por ter atendido este meu pedido.

TERI DOS SANTOS GONÇALVES SENE

Itajubá - MG

Imprimimos
com

RIPAX
Premium
Quality
Paper **1206773**

O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO
"SANTA MARIA"

DIRETOR

MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO

PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO

HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO

PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS
SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA

PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

EXPEDIÇÃO

JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE
MATOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO

ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525

01059 - 970 SÃO PAULO SP

e-mail - odesbravador@uol.com.br

Editorial

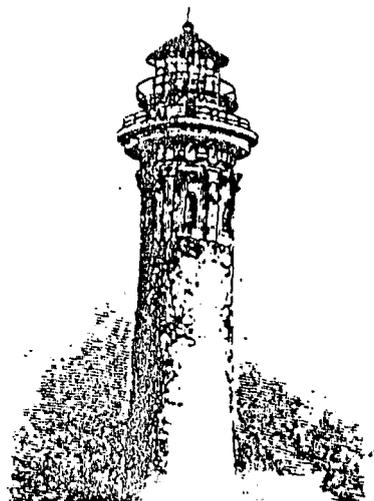
Quando São Domingos de Gusmão e São Francisco de Assis estavam em Roma para obterem a aprovação de suas Ordens, os dois e o próprio Papa tiveram o mesmo sonho.

Eles viram Nosso Senhor Jesus Cristo com três lanças na mão para jogar sobre a Terra. Eis que Nossa Senhora detém o braço de seu Filho e Lhe pergunta o que iria fazer. Ele lhe diz que iria destruir o mundo por causa dos três pecados da humanidade: o orgulho, a sensualidade e a cobiça. Nossa Senhora disse então a Jesus que não fizesse isso e que iria apresentar a Ele dois homens que eram o contrário dos outros homens: São Francisco e São Domingos. Nosso Senhor diz que é verdade e que por causa deles não destruiria o mundo.

Na manhã seguinte ao se encontrarem na Basilica de São Pedro, os dois santos que não se conheciam, ao se verem, um se ajoelha diante do outro e suas Ordens foram aprovadas.

As Ordens por eles fundadas foram as forças que reergueram a civilização de então que podia decair.

Na presente edição, "O Desbravador" enfoca, de modo especial, São Francisco de Assis, um grande santo e que recentemente, no fim de século último, foi escolhido por uma revista norte-americana, como o homem do século.



São Francisco cumpriu sua missão e foi essencial no reerguimento da civilização de então.

Foi ele homem providencial, devotíssimo de Nossa Senhora, filho obediente e dedicado da Santa Igreja Católica, sua obra produziu maravilhas.

O mundo hoje espera homens como São Francisco de Assis que ajudem a mudar esse mundo perverso em que vivemos.

E esperamos e rezamos à Santíssima Virgem Maria para que Ela suscite almas com tal virtude que como São Francisco de Assis ajudem a mudar a nossa era.

A Radicalidade da Santidade

O nosso mundo, a nossa civilização estão decadentes e podres. Não é preciso grandes pesquisas nem grandes argumentações para se provar isso.

Basta termos acesso a noticiários jornalísticos para verificarmos isso.

Crimes hediondos, drogas, violências selvagens pululam por toda parte.

Países adotam constantemente leis em tudo contrárias às leis de Deus e da Santa Igreja Católica. Rara é hoje a nação que não adota o divórcio. Legislações vem adotando o chamado "casamento homossexual", a eutanásia, o aborto. Essa última monstruosidade é praticada no mundo aos milhões.



A família está em frangalhos, a juventude se droga mundo afora, os homens, enfim, se esqueceram de Deus.

Qual a grande necessidade do mundo para combater essa situação e mudá-la?

Faz falta enorme a existência de santos, de grandes santos.

Sim, quando ruíu o mundo antigo, com a queda de Roma e a invasão dos Bárbaros, um santo se distinguiu na conversão deles e na construção da civilização cristã da Idade Média: São Bento.

Quando essa mesma civilização medieval ameaçou ruir, Deus suscitou dois grandes santos que foram os promotores do grande século XIII, auge da civilização cristã: São Francisco de Assis e São Domingos de Gusmão.

Quando o protestantismo ameaçou a Santa Igreja na Europa e quando novas terras eram descobertas, requerendo apóstolos para os povos dessas terras, Deus escolhe Santo Inácio de Loyola que, com a Companhia de Jesus, por ele fundada, deteve na Europa o

avanço protestante e evangelizou tantos povos.

E isso vale para outros santos



O mundo hoje sente a falta de santos. Mas aonde estão eles? Você amado leitor, cara leitora, pode ser um deles.

Mas a santidade hoje pede radicalidade. Seja no ódio a esse mundo corrompido e corruptor; seja no ódio ao pecado e tudo que leve a ele; seja enfim num amor incomensurável a Deus, a Nossa Senhora e à Santa Igreja.

Santidade cheia de dedicação, de virtude, de zelo pela salvação das almas, santidade sem mancha e cheia de destemor ante as mentiras e seduções do mundo moderno. Enfim, devemos e podemos ser santos.

Que Nossa Senhora nos dê a graça de sermos radicalmente santos em um mundo radicalmente mau.



São Francisco de Assis, O ARAUTO DO GRANDE REI

Quando em 1210, São Francisco de Assis se dirigiu a Roma para obter a aprovação de sua Ordem pelo Papa Inocêncio III, este lhe revelou que vira em sonhos as torres da Igreja de São João de Latrão curvarem-se, depois o edifício inteiro começou a ranger e, quando parecia que as paredes da Igreja iam ao chão, um homenzinho esfarrapado arrumou-a com os ombros, agüentou-a e impediu que a igreja viesse abaixo. E, este homem era São Francisco.

Já no início de sua conversão, o santo ouvia vindo de um crucifixo bizantino o seguinte: “Francisco, vai e conserta a minha casa que está em ruínas”.

Por aí se vê a importância e a grandeza de São Francisco. Inflamado de amor a Deus, desposado com a dama pobreza, nosso santo atraiu uma legião de almas que, como ele, quiseram viver o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo em sua plenitude.

Foi filho devotado e obediente da Santa Igreja Católica, reverente para com o papado, devotíssimo de Nossa Senhora, adorador invulgar do Santíssimo Sacramento, criador do presépio, apóstolo exímio, portador de imensas virtudes, jamais aceitou ser sacerdote por se considerar indigno dessa honra.

Certa ocasião, perguntado quem era ele, respondeu: “sou o arauto do Grande Rei”, e em outra ocasião “sou a trombeta do imperador”.

Na verdade, como ninguém ele proclamou o amor a Nosso Senhor. Como ninguém ele amou Nosso Senhor e, como ninguém, ele imitou Nosso Senhor. Como recompensa disso, Nosso Senhor imprimiu no santo as suas chagas. Há quem diga que no céu São Francisco ocupa o trono de Lúcifer, que se danou pelo orgulho, ao contrário do santo que foi modelo de humildade.



SÃO FRANCISCO E O SULTÃO

Quando São Francisco, movido pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual via ser repudiado pelas hordas de infieis muçulmanos, que eram combatidos pelos cruzados, aproveitando uma trégua entre os terríveis combatentes, partiu para o deserto com o fito de converte-los à fé verdadeira, não pela espada, mas pelo amor a Deus e ao próximo, conta-se que assim se sucedeu:

Ja São Francisco pelo deserto quando soldados do sultão local, ávidos de sangue, caíram sobre ele, mas, ao notarem os trajes andrajosos e a pobreza do peregrino, e que não trazia armas mas somente um tosco bernal e um cajado, decepcionaram-se e, maior que a decepção foi a surpresa quando ele lhes disse quem era, bradando altaneiro: "sou arauto do grande Rei, sou a trombeta do Imperador".

Diante disso, os soldados levaram São Francisco à presença do sultão que, informado de quem se tratava, mas muito desconfiado e como que querendo divertir-se, indagou-o com descrença:

- Então, és arauto de um rei. E que rei é esse, e quais seus objetivos ao enviar-te a nós assim, desta forma vestido e sem aparato militar que demonstre seu poder?

Tirando uma das mãos de seu cajado e apontando para o alto, ao mesmo tempo em que com grande enlevo fitava o imenso céu crepuscular do deserto, São Francisco respondeu calmamente:

- Sou arauto do grande Rei, o Deus de Amor, Senhor de todas as coisas que enviou-nos Seu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós em uma cruz. Mas que vencendo a morte pela morte, ressuscitou e subiu aos céus, onde está à direita de Seu Pai. E todo aquele que nEle crer não morrerá, mas terá a vida eterna. Eu vim para trazer-vos esta boa nova, a fim de que vos torneis seus súditos.

Os mulás presentes se indignaram e com fortes brados protestaram pela morte do insolente.

Ao ouvir isso, o sultão percebendo que São Francisco era um cristão e admirado com sua coragem e pura intenção, redargüiu:

- Com um arauto tão solene e convincente nas palavras e atos, esse rei não poderia também, já que é tão grande senhor, demonstrar seu poder e riqueza com um séquito mais poderoso? Pois tuas palavras também me servem para designar Alá, e, ao invés de Cristo, por que tu não crês no profeta Maomé, o verdadeiro enviado de Deus, e não obedeces ao seus mulás que aqui estão?

Fitando a enorme fogueira que ardia ao lado da tenda, inspirado por Deus, e, vendo que de outra forma não poderia penetrar naqueles corações endurecidos com o suave e salutar dardo do Amor Divino, São Francisco propõe:

- O que é o séquito senão a escolta que protege o emissário, por mais indigno que este seja? Ora, façamos pois uma prova e depois ireis me dizer qual é o verdadeiro emissário, Jesus Cristo ou Maomé. Entremos todos, os mulás e eu, nesta flamejante fogueira. Aquele que detiver o verdadeiro mandato, por mais indigno que seja, sairá ileso e demonstrará com isso a verdade que deve guiar todo homem.

O desafio era entre Cristo e Maomé. E São Francisco já largava de lado o bernal e o cajado e se preparava para adentrar o fogaréu, quando, desesperadamente, o líder dos mulás joga-se de joelhos ante o sultão clamando em prantos loucos de pavor e pedindo suspensão da prova, enquanto os outros se amontoavam assustados em um canto da tenda.

O sultão, conformado, exclama:

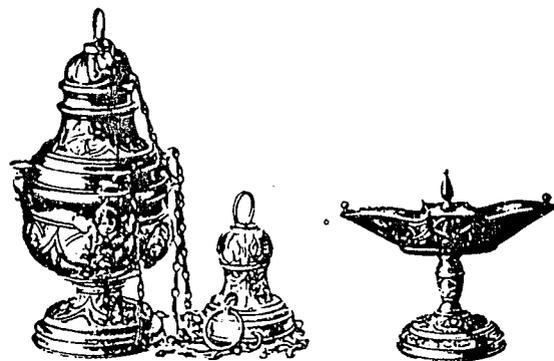
- É, parece que Alá não foi bem servido hoje!

E, voltando-se para São Francisco, suplicou-lhe que não entre no fogo, louva-lhe a confiança que depositava em Cristo e, respeitoso e encantado, diz-lhe:

- Se outros cristãos dessem o exemplo que tu dás, eu não hesitaria em me tornar cristão também.

Depois disso, faz com que São Francisco seja conduzido em segurança de volta à linhas cristãs.

Conta-se que no leito de morte, o sultão, em seu país, recebeu miraculosa visita de São Francisco, que se encontrava ao mesmo tempo na Itália, e se fez batizar cristão tendo morrido no seio da Santa Igreja.





POR QUE A TI?

São Francisco estava sendo acompanhado por Frei Masseu em suas saídas apostólicas. Frei Masseu era um dos irmãos mais queridos da fraternidade primitiva: homem de oração e muito cortês. Os irmãos já sabiam que quando Frei Masseu saía para pedir esmolas, o dia era de boa colheita. Seus modos agradáveis cativavam imediatamente e logo ficavam gostando dele.

Nesse tempo, São Francisco já era conhecido e admirado em toda a Úmbria e parte da Toscana. Não raro, sua passagem pelas aldeias era acompanhada a toque de sinos. Os povoados se esvaziavam num instante porque todo mundo ia vê-lo, escutá-lo e, se possível, tocá-lo.



Fazia muitos dias que Frei Masseu estava intrigado e não conseguia entender porque todo mundo ia atrás de seu amigo. Um dia, quando iam caminhando em silêncio, soltou pela primeira vez a pergunta explosiva: por que a ti? Francisco não entendeu a pergunta e continuou em silêncio. Um pouco depois, com voz mais forte, veio a pergunta outra vez: por que a ti? Francisco perguntou: que queres dizer com isso, irmão Masseu?

- Francisco de Assis, não entendo nada.

- Que é que não entende, irmão Masseu?

- Olha - respondeu - de acordo com as regras do mundo, tu, Francisco de Assis, não tens nenhum motivo para cativar a atenção popular. Não és bonito, por que todos querem ver-te? Não és eloqüente, por que todos querem ouvir-te? Não és sábio, por que todos querem consultar-te? Por que é que todo mundo corre a ti quando não tens nada para atrair? Qual é o segredo do teu fascínio?



Quando ouviu isso, Francisco ficou visivelmente emocionado.

- Irmão, nunca foram ditas nesta terra palavras tão sábias. Diz-me, Masseu, onde foste buscar tanta sabedoria? Quem te inspirou idéias tão certas? Ajoelhou-se e quis beijar os pés de Frei Masseu, mas este não deixou. São Francisco levantou os olhos para o céu e disse:

- Obrigado, Senhor Altíssimo, por teres revelado as grandes verdades às almas transparentes.

Depois respondeu a Masseu:

- Queres saber por que todos vêm a mim. Eu vou dizer: é para confundir.

- Ó Frei Masseu! Aquele Altíssimo Senhor, cuja substância é Amor e Misericórdia, tem mil olhos, com que penetra nos meandros da alma humana. Ele vê o que está do outro lado das coisas. Não há escuridão que não seja clareza para Ele. Pois bem, esses altíssimos olhos olharam por toda a terra e não encontraram criatura mais incapaz, inútil, ignorante e ridícula do que eu. Exatamente por isso, Ele me escolheu, para ficar bem claro diante de todo mundo que o único magnífico é o Senhor.



E continuou:

- Se Francisco de Assis tivesse uma bela figura, uma eloquência arrebatadora, uma longa preparação nas escolas de Bolonha, e até sabedoria como os anjos, o povo ia dizer: "é a sua beleza, é a sua sabedoria, e a sua eloquência." Mas, como não tenho nada disso, as pessoas são obrigadas a concluir que é o Senhor.

- Frei Masseu, não te lembras da bendita Mãe de Deus, a Virgem Maria? Ela disse: "tenho maravilhas, mas não são minhas, porque eu sou nada", disse Aquela

Mulher sublime, "fui escolhida para evidenciar que o Maravilhoso é o Senhor".

- Por que me escolheu? Que vou dizer, irmão Masseu? Repito que foi para confundir, irmão, para confundir. Para que se saiba, para que fique evidente e estridente diante de todo mundo, que o que salva não é a sabedoria humana, nem o preparo, nem os carismas pessoais, porque o único que salva, redime e ressuscita é o próprio Deus. Para que se saiba que não há outro Todo-Poderoso. Não há outro Deus a não ser o Senhor.

- Em resumo, ele me escolheu para confundir a nobreza, a grandeza, a fortaleza, a beleza e a sabedoria do mundo.

Quem ficou confundido foi Frei Masseu. Continuaram um bom tempo em silêncio, pensando nessas coisas. Durante dias, Francisco de Assis falou a Frei Masseu sobre a humildade de coração.

- Frei Masseu, disse-lhe um dia, como eu quisera ser uma sombra diante da Luz. Nós não temos nada. Ou melhor, se temos alguma coisa, não é nossa, é empréstimo. Deus nos livre da tentação do furto. Porque o homem que se apropria dos dons de Deus é um ladrão, Frei Masseu. O Irmão que se envaidece por suas qualidades (que não lhe pertencem) é um ladrão vulgar.

- Frei Masseu! Eu sou o maior pecador da terra. E isso não é mentira nem exagero. Se qualquer outra pessoa tivesse recebido tantas consolações como eu, seria um fidelíssimo servo de Deus.



A Perfeita Alegria

Vindo uma vez São Francisco de Perusa para Santa Maria dos Anjos com frei Leão, em tempo de inverno, e o grandíssimo frio fortemente o atormentasse, chamou frei Leão, o qual ia mais à frente e disse assim: Irmão Leão, ainda que o frade menor desse na terra inteira grande exemplo de santidade e de toda a boa edificação, escreve todavia, e nota diligentemente que nisso não está a perfeita alegria. E andando um pouco mais, chama pela segunda vez: Ó irmão Leão, ainda que o frade menor desse vista aos cegos, curasse os paráliticos, expulsasse os demônios, fizesse surdos ouvirem e andarem coxos, falarem mudos, e mais ainda, ressuscitasse mortos de quatro dias, escreve que nisso não está a perfeita alegria.

E andando um pouco, São Francisco gritou com força: Ó irmão Leão, se o frade menor soubesse todas as línguas e todas as ciências, e todas as escrituras, e soubesse profetizar e revelar, não só as coisas futuras, mas até os segredos das consciências e dos espíritos, escreve que não está nisso a perfeita alegria.



Andando um pouco além, São Francisco chama ainda com força: Ó irmão Leão, ovelhinha de Deus, ainda que o frade menor falasse com língua de anjo e soubesse o curso das estrelas e as virtudes das ervas; lhe fossem revelados todos os tesouros da terra, e conhecesse as virtudes dos pássaros e dos peixes, e de todos os animais e dos homens, e das árvores e das pedras e das raízes e das águas, escreve que não está nisso a perfeita alegria.



E caminhando um pouco, São Francisco chamou em voz alta: Ó irmão Leão, ainda que o frade menor soubesse pregar tão bem que convertesse todos os infiéis à Fé Cristã, escreve que não está nisso a perfeita alegria.

Diante deste modo de falar, pelo espaço de duas milhas, frei Leão, com grande admiração, perguntou-lhe e disse: Pai, peço-te, da parte de Deus que me diga onde está a perfeita alegria.

E São Francisco assim lhe respondeu: quando chegarmos a Santa Maria dos Anjos, inteiramente molhados pela chuva e transidos de frio, cheios de lama e aflitos de fome, e batermos à porta do convento, e o porteiro chegar irritado e disser: quem são vocês? E nós dissermos: somos dois dos vossos irmãos, e ele disser: não dizem a verdade; são dois vagabundos que andam enganando o mundo e roubando as esmolas dos pobres; fora daqui; e não nos abrir e deixar-nos estar ao tempo, à neve e à chuva, com frio e fome até à noite: então, se suportarmos tal injúria e crueldade, tantos maus tratos, prazenteiramente, sem nos perturbarmos e sem murmurarmos contra ele e pensarmos humildemente e caritativamente que o porteiro nos tinha reconhecido e que Deus o fez falar contra nós: Ó irmão Leão, escreve que nisso está a perfeita alegria

E se perseverarmos a bater, e ele sair furioso e como a importunos malandros nos expulsar com vilanias e bofetadas dizendo: fora

daqui, ladrõesinhos vis, vão para o hospital, porque aqui ninguém lhes dará comida nem cama; se suportarmos isso pacientemente, com alegria e de bom coração, ó irmão Leão, escreve que nisso está a perfeita alegria.

E, se ainda, constrangidos pela fome, pelo frio e pela noite, batermos mais e chamarmos e pedirmos pelo amor de Deus, com muitas lágrimas, que nos abra a porta e nos deixe entrar, e se ele mais escandalizado disser: vagabundos, importunos, pagar-lhes-ei como merecem; e sair com um bastão nodoso e nos agarrar pelo capuz e nos atirar ao chão e nos arrastar pela neve e nos bater com um pau de nó em nó; se nós suportarmos todas estas coisas pacientemente, com alegria, pensando nos sofrimentos de Cristo Bendito, as quais devemos suportar por seu amor; ó irmão Leão, escreve aí, que nisso está a perfeita alegria, e ouve, pois, a conclusão, irmão Leão.

Acima de todas as graças e todos os dons do Espírito Santo, os quais Cristo concede aos amigos, será o de vencer-se a si mesmo, e, voluntariamente, pelo amor, suportar trabalhos, injúrias, opróbrios e desprezos, porque de todos os outros dons de Deus não nos podemos gloriar por não serem nossos, mas de Deus, do que diz o Apóstolo: que tens tu que não hajas recebido de Deus? E se dEle o recebeste, porque te gloriasses como se o tivesses de ti?



Mas na cruz da tribulação de cada aflição nós nos podemos gloriar, porque “isso não é nosso” e assim diz o Apóstolo: “não me quero gloriar, se não na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Ao qual sejam dadas honras e glórias *in secula seculorum*. Amém.

SOS PEDIMOS AJUDA

- ◆ Completamos 25 anos de existência.
- ◆ Como nos propusemos, conseguimos, graças à proteção de Nossa Senhora enviar e distribuir nossa publicação gratuitamente.
- ◆ Felizmente muitos de nossos leitores nos têm ajudado. Temos porém atravessado dificuldades, principalmente para ampliar a nossa tiragem.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRDESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

- Ou então, envie-nos pelo correio um cheque nominal e cruzado ao Grêmio Santa Maria

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

DE TIGELA NA MÃO

Uma noite, olhando fixamente pra os olhos negros, bem abertos, do Crucificado, São Francisco disse a si mesmo: Olha que ele está numa cruz e não numa cama. Comendo como um mendigo e dormindo sob as estrelas, nascido numa cova e enterrado em sepultura alheia... E tu? Tratado e cuidado como um príncipe por um venerável sacerdote? Não pode ser! Disse em voz alta. Filho de burguês, disse a si mesmo, lembra-te: mendigo é aquele que recebe agradecido os restos de comida como os cachorrinhos, e come tudo sem reclamar e sem ficar com nojo. Se o Senhor se fez mendigo por teu amor, o correto é que te faças mendigo por seu amor. Desde amanhã iremos, humildes e agradecidos, de porta em porta.

Depois de ter trabalhado toda a manhã, quando deu meio-dia foi para a cidade e, de tigela na mão, batia às portas dizendo: Por amor do Amor, dá-me alguma coisa para comer. Em poucos minutos estava com a tigela cheia de restos de comida.

As pessoas diziam: E pensar que esse mendigo era até ontem aquele magnífico senhor que preparava banquetes para seus amigos! Com a tigela transbordante na mão, transpôs as muralhas e sentou-se numa pedra embaixo de uma leve sombra. Quando agitou um pouco aquela mistura, com intenção de começar a comer, sentiu o estômago revolver-se e quase vomitou.

Outra vez o burguês! Disse em voz alta. Levantou-se, deixou a comida na pedra enquanto se refazia para superar o problema. Sempre acontece a mesma coisa, começou a refletir. Quando não penso em Nosso Senhor Jesus Cristo e estou distraído, aparece o homem velho com seus instintos e impulsos, e sou capaz de cometer traições e até de cuspir nos pobres. O homem é barro, mas não vou me assustar com isso.

Pouco a pouco foi se acalmando e começou a pensar em Cristo. Com viva sensibilidade, imaginava Nosso Senhor Jesus Cristo caminhando, mendigando, com fome, com sede, comendo agradecido o que lhe davam. Com esses pensamentos, a Graça apoderou-se vivamente de todo o seu ser, corpo e alma, atenção e sangue. Como Tu, meu Senhor! Disse em voz alta, e voltou para a pedra. Pegou a tigela e, sem deixar de pensar em Nosso Senhor Jesus Cristo, devorou rapidamente aquele estranho manjar. No fim, até limpou o prato com a língua.

Levantou-se e começou a descer lentamente para a ermida de São Damião. Prodígios do Senhor! Prodígios do Senhor! Repetiu duas vezes em voz alta. O coração do homem, pensava, devia ser um mar de assombro. Jamais a mente humana admirará suficientemente o braço potente e amoroso do Senhor Deus. São Francisco sentiu uma alegria repentina, intensa como nunca e vontade de cantar.

Uma embriagadora primavera cobria o mundo com um manto de glória. São Francisco dava uns passos e parava para mergulhar na respiração geral da vida. As cerejeiras em flor pareciam rainhas orientais. Rajadas de brisa suave açoitavam o rosto do santo, e ele respondia em voz alta: Carícias de meu Deus! Pequenos lagartos verdes tomavam sol sobre as pedras quentes; desapareciam de repente quando sentiam os passos do santo. Os trigais começavam a dourar. De repente, a atmosfera enchia-se de perfumes de romãzeiras e de tomilho. São Francisco aspirava intensamente aquele aroma, dizendo: Presentes do Senhor!

E assim voltou para a ermida. Faz quatro horas que saí daqui, pensava. Em tão pouco tempo, quanta Graça, meu Deus, quantos sucessos, quantas maravilhas! Pobre é aquele que passa o dia inteiro dizendo: Obrigado! Foi seu último pensamento.



A Incoerência do Abortismo

O mundo moderno fala demais em direitos humanos, em participação, em defesa da vida. Falam em defender qualquer vida: das plantas, dos pandas, das baleias etc.

E nós aqui perguntamos: não tem uma criança mais valor que os peixes, que as plantas? Não é o aborto o assassinato de uma criança? Não tem ela direitos humanos?

E, no entanto, as campanhas que se fazem em prol de praias, de mares e de peixes não são feitas em defesa de seres humanos pelos quais Nosso Senhor morreu na Cruz.

Que incoerência! Que inversão de valores! Que mentiras!

Sim, o abortismo é cheio de mentiras, a ponto de dizerem que olham pela vida das mulheres, esquecendo-se que a mulher morre em abortos, porque eles são práticas assassinas e que, como tal, geram a morte.



Serão avisos?

Em 1972, em Nova Orleans, nos Estados Unidos, uma das imagens peregrinas de Nossa Senhora de Fátima, feita com descrições de Irmã Lúcia, a mais velha dos videntes de Fátima, chorou.

O fato foi documentado e jornais do mundo inteiro publicaram a foto da lacrimação.

O que significaram as lágrimas da Mãe de Deus?

O mundo, em 1972, já estava bem corrompido e decadente e a Rainha dos Céus e da Terra chorava, pois uma Mãe quando vê que não é ouvida chora. E Ela chorou.

Passaram os anos, o mundo não melhorou com as lágrimas de Maria Santíssima, antes piorou. De lá para cá uma onda abortista varreu a Terra, legislações passaram a adotar o chamado “casamento homossexual”, as nações se afastaram de Deus, os homens pioraram e – ó dor terrível – a crise na Igreja Católica aumentou.

Eis que a partir do fim do ano de 2004, uma série de terríveis acontecimentos se sucederam: o tsunami, no sudeste asiático, devastou vários países, deixando rastros de desolação e de morte; atentados terroristas, como os de Londres, matam e atormentam as pessoas; terremotos; furacões espalham a destruição, miséria e morte, alguns com prejuízos econômicos de bilhões de dólares.

Coincidentemente a cidade mais devastada foi a de Nova Orleans, aonde 33 anos atrás Nossa Senhora chorara.

Agora outra ameaça paira sobre o mundo: a chamada gripe do frango, oriunda da Ásia e que ameaça matar mais que a gripe espanhola, que em 1918 matou mais de 50 milhões de pessoas, mais do que matou a contemporânea 1ª Guerra Mundial.

O que tudo isso quer dizer? “Coincidências”, dirão alguns, ou então, dirão outros, que seriam castigos enormes sobre um mundo paganizado e ateu que resiste aos apelos da Graça Divina feitos por Nossa Senhora, especialmente em Fátima, para que o mundo se convertesse.

O que o leitor pensa disso?



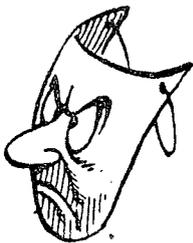
“O INFERNO, INVENÇÃO DOS PADRES”?

Nada mais falso. O inferno já existia antes que existissem os padres, e mesmo antes do primeiro homem, tendo sido criado pela eterna justiça para os anjos rebeldes. Os sacerdotes outra coisa não fazem senão pregar uma verdade terrível, ensinada por Deus na Sagrada Escritura e que se acha em todas as religiões dos vários povos que passaram pela terra.

Perlustrai o mundo, do álgido pólo ao ardente equador, do oceano Atlântico ao Pacífico; entrai nas florestas dos selvagens, interrogai as tribos bárbaras e haveis de ver que todos admitem depois da morte um lugar de castigo. Não estão de acordo sobre a natureza dos sofrimentos; mas todos concordam em acreditar na existência do inferno.

Os gregos tinham o seu tártaro, no qual punham penas horríveis para os maus. Os romanos o chamavam inferno ou arco e Virgílio na Eneida descreve com cores bem vivas os tormentos dos condenados, dizendo-os eternos. Os egípcios criam firmemente na vida futura e no prêmio ou castigo eterno, e dos mortos faziam um julgamento para ver se eram dignos da sepultura e das honras fúnebres. Os hindus chamam o lugar dos réprobos Patalán e nos livros dos Vedas se encontra uma longa descrição dos atrozes tormentos a que serão submetidos os condenados. Os escandinavos e outros povos setentrionais lêem no Edda a existência do cárcere infernal. Os hebreus o denominavam scheol ou geena, e o santo profeta Daniel, tomado de espanto ao meditar naquelas chamas terríveis, rogava a Deus que o livrasse do profundo abismo e não permitisse fechar-se sobre sua cabeça aquele poço de fogo.

Os missionários Salesianos encontraram esta crença nos pampas da Patagônia e nas florestas da Terra do Fogo; e aqueles selvagens falavam com pavor do castigo que receberão os maus. Maomé, o mais solene impostor da História, gastou muitas laudas do Corão para descrever o lugar dos tormentos acumulando todas as penas que uma fantasia oriental pode imaginar. Zoroastro imprimiu também nos persas uma idéia terrível da punição de além tumba.



Deixo de citar outros povos, porque do contrário, não acabaria mais.

Os padres, portanto, não inventaram esta crença, mas acharam-na bem impressa em todos os povos e a encontram ainda agora esculpida no fundo da consciência humana, a qual brada que o pecado não passará sem castigo, como a virtude não ficará sem prêmio.

Outra extravagância que os “espíritos fortes” vão assoalhando é esta: “o inferno é coisa da Idade Média”. Só mesmo quem perdeu o juízo fala desse modo. O que era verdade na Idade Média o é também hoje e o será sempre, porque o tempo não pode destruir a verdade. Os séculos não conseguem apagar aquelas chamas vorazes, alimentadas pela Divina Justiça e nas portas tenebrosas daquele cárcere continuarão gravadas as terríveis palavras: sempre, nunca.

Deus tratará os homens do século XXI como os da Idade Média, premiando os bons com o paraíso e castigando os maus com o fogo. A justiça eterna é invariável e incorruptível e não muda com o correr dos tempos e das opiniões do mundo.

Ouvindo falar a certas pessoas, parece que hoje em dia foram abolidos os mandamentos de Deus e da Igreja, foram suprimidos os deveres religiosos, soltou-se o freio às paixões e ao homem foi dada plena liberdade de viver segundo os seus caprichos. Ilusões estultas, que se pagam depois com uma eternidade infeliz! As leis de Deus e da Igreja estão sempre em vigor, e todo cristão é obrigado a observá-las se quiser ter uma sentença favorável no grande dia do juízo.

Os heróis dos bares e clubes, quando se vêem apertados de toda a parte por argumentos fortes e não podem mais negar a existência do inferno, saem-se com um dislate sem igual: “O homem se acostuma com tudo. Eu me acostumarei no inferno”.

Falam assim para não se darem por vencidos e não abandonar a vida dissoluta. Propriamente não têm dificuldade em admitir o cárcere eterno, porque a razão prega a existência dele; o difícil e o repugnante para eles é corrigirem os costumes, praticarem o bem, abandonarem os maus hábitos e viverem como bons cristãos. E em vez de fazerem violência sobre si mesmos, preferem perder-se para sempre.

De resto, se não são capazes de habituar-se a vencer as próprias paixões, como se acostumarão com aquelas penas cruciantes? Quem, jamais, pode

acostumar-se com a dor que é contrária à natureza? Fomos feitos para a felicidade e o coração foge sempre da desventura e é impossível que se dê bem nos sofrimentos. E os santos respondem que os tormentos se sucedem aos tormentos; e do mesmo modo que os bem-aventurados experimentarão sempre nos gáudios, os infelizes condenados sentirão sempre novos e mais terríveis tormentos.

Divulgou-se o provérbio que “o demo não é tão feio como o pintam”; e costumam citá-lo para demonstrar que fama e a opinião popular muitas vezes são superiores à realidade das coisas, porque a fantasia só é exagerar as dificuldades e as penas.

Mas, se aplicamos ao inferno esse adágio andamos bem errados. Por mais que procuremos calcar as cores e as tintas pintando as penas do demônio e dos réprobos, estaremos sempre aquém da realidade e não chegaremos nunca a exagerar. Um cadáver em decomposição não nos dá nem idéia de como Satanás é sórdido, é horrível; e uma santa afirmou que, se ele saísse da sua prisão tal qual é, faria morrer pela sua hediondez todos os homens e animais.

No opúsculo citado da possessa de Briga, lê-se que muitas vezes quando invadida pelo demônio tinha o aspecto tão medonho que punha toda a povoação em polvorosa. Dado o sinal de alarme, todos corriam para a igreja para implorar misericórdia de Nosso Senhor.

Eis as palavras textuais: “A filha tornou-se furiosa e ameaçadora. Horrível à vista, cabeleira desgrenhada e hirta como um penacho, olhos de fogo, assobios nunca ouvidos e incessantes, hálito quentíssimo, contrações de nervos, engrossamento muscular de fazer medo, sem um membro que ficasse calmo. Nenhuma força era capaz de a dominar. Os mais robustos são juncos flexíveis. Acorrem outros e o quarto fica cheio de homens fortes e corajosos. Sete deles seguram-na ao mesmo tempo nos pés, no pescoço, nos braços e na cintura”

Então o povo corre ao pároco para que a exorcize.

“Não há palavras suficientes para dar uma idéia do que viu e o medo que teve entrando naquela casa. Todavia, confiando em Nosso Senhor, a quem sempre tinha eficazmente invocado, entra e ordena: - Satanás, pára em nome de Deus. A essas palavras, Teresa como fulminada cai no leito”.

Na manhã de 11 de maio de 1849, desapareceu improvisamente de casa e, durante todo o dia, ouviram-se pelos ares lamentos, gritos, rumores misteriosos. O povo pensando que aquilo fosse o fim do mundo se recolheu na igreja para rezar.

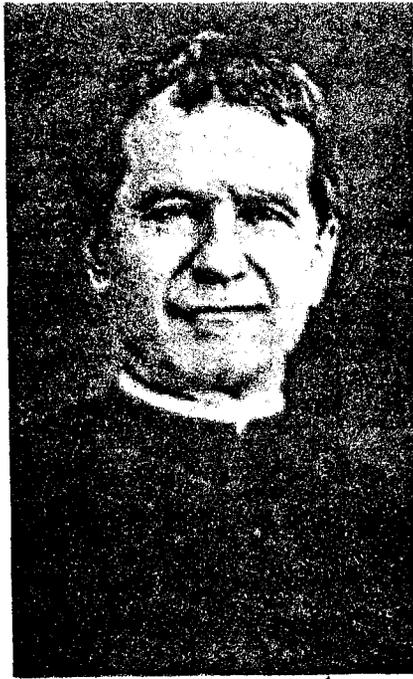


A tarde, durante a Benção do Sacratíssimo Sacramento, ouviu-se, sob um céu sereno e estrelado, estrépito medonho como de um furacão que se aproximava. A povoação se alarma; ecoam gritos prolongados e suspiros dolorosos; e finalmente distingue-se a voz da moça possessa no teto de uma casa. À meia-noite pede auxílio para descer; e um destemido sobe, sem a menor dificuldade, como se fosse um feixe de palha. Estava fria, petrificada, descalça, e tinha um bastãozinho na mão. Homens fortes experimentaram tirar-lhe o bastão, mas não o conseguiram, quase fossem de ferro os seus braços.

“Se, além disso, observas o seu rosto, és obrigado a desviar o teu olhar; é o mesmo que ver um espectro, isto é, o demônio em forma humana. De qualquer lado que a observes ficas horrorizado; parece mesmo satanás, horrível, ameaçador, feral. O olho, principalmente, sangüíneo e irrequieto, sob imóvel e entreaberta pupila fere de modo cruel. O inferno nela se esconde”.

Deitada no chão, ninguém mais ousava aproximar-se-lhe, quando, após incessantes pedidos dos parentes, quatro dos homens mais fortes a suspendem e a levam, como um tronco, para a casa, onde o pároco exorcizando-a, fã-la voltar a si e largar o bastão não sem grande resistência e agitações do demônio.

Todos esses fatos que narramos confirmam o dogma terrível revelado por Deus da existência do inferno.



Dois casos angelicais

Um dia, incomodado Dom Bosco por um débito de trezentos francos, entra pelo pátio adentro um homem de idade madura, que lhe diz:

- Sou um empregado público aposentado. Fiz umas economias no meu ordenado, e quero pensar um pouquinho nos negócios da alma. – E entregou a Dom Bosco uma carteira.

- Mas, não separou alguma coisa para o caso de alguma doença?!

- Oh! Isso fica aos cuidados da Providência, atalhou o bom homem; eu preciso mandar na frente, a caminho da eternidade, algum merecimento. Se cair doente, não faltam por aí hospitais. – E saiu.

Havia na carteira exatamente 300 francos.

Um outro dia, foi ao Oratório, para falar com Dom Bosco, uma velhinha e lhe disse:

- Eu sou uma pobre coitada: labutei toda a vida para chegar até esta idade. Deu-me Deus um filho, que morreu; resta agora que eu me vá por minha vez. Não tenho herdeiros forçados; meu filho, antes de morrer, pediu-me que repartisse em esmolas tudo quanto me sobrasse. Aqui estão cem francos, economia de cinquenta anos de trabalho incessante; entrego-os ao Senhor. Restam-me ainda quinze francos, que reservo para o caixão em que serei enterrada. Tenho também uma outra pequena quantia para o médico. Esta tarde vou para a cama e... será questão de poucos dias.

- Eu aceito esse dinheiro, respondeu Dom Bosco, e agradeço; garanto-vos, porém, que não tocarei nele senão depois de vossa morte. Por isso, em qualquer emergência, volta, que é sempre vosso.

- Não. Façamos de outro modo: eu dei a esmola, e quero ter o merecimento dela; gaste os cem francos. Se por acaso eu precisar, virei pedir esmola ao Senhor e, o Senhor dando a, terá por sua vez o seu merecimento. Mas, irá visitar-me quando eu estiver doente?

- Com certeza, respondeu Dom Bosco.

Tocado por uma caridade tão ingênua, quis Dom Bosco visitá-la no dia seguinte; porém, não se lembrava mais da rua e do número da casa. Passaram-se mais dois dias e uma outra mulher correu a chamá-lo. Dom Bosco não perdeu tempo. Apenas entrou no quarto, reconheceu a velhinha que, a sorrir, significava não precisar de nada.

- Como assim? Perguntou Dom Bosco. Se a Senhora não precisasse, me não teriam chamado.

- É verdade, preciso receber os Santos Sacramentos. – Recebeu-os com viva fé e expirou em paz.

Maravilhas

em Assis



Há muitos anos atrás, um amigo me contou um belo e maravilhoso feito.

Um amigo comum fora a Assis, na Itália, e lhe contara o seguinte: Algum tempo após a sua conversão, São Francisco de Assis foi acometido de fortíssimas tentações. Lutou contra elas, rezou, combateu-as, mas parecia que as tentações voltavam com mais força, após terem se afastado.

Foi então que o santo passou perto de um roseiral, cheio de espinhos agudos. Inspirado, São Francisco jogou-se no roseiral visando, com o incomodo e as feridas dos espinhos, afastar de vez com as tentações. Foi aí que aconteceu o sublime e o maravilhoso: as tentações cessaram e as rosas ficaram todas sem os espinhos.

E, até a época em que me contaram o fato, elas permaneciam sem espinhos, mas se fossem tiradas do roseiral de Assis, nasciam com espinhos em outro local.

O tempo passou. Quem me contou o fato foi recentemente até Assis, na Itália. Quando voltou, eu lhe perguntei: "então viu o roseiral?" Ele disse que sim e que o roseiral está lá ainda produzindo suas maravilhas, mas acrescentou que havia algo que não sabia mas agora tinha visto. Ele se referia a uma imagem de São Francisco em frente ao famoso roseiral e cuja foto acima reproduzimos.

Nessa imagem existe um cesto nos braços do santo, e desde a morte dele, há quase 800 anos, fica um casal de pombos no mencionado cesto. Chova, faça calor, faça frio; sempre um casal de pombos está ali a homenagear o grande "poverello" de Assis, São Francisco.